

AS HISTÓRIAS DE VIDA EM FORMAÇÃO: EVOLUÇÃO DE UM PARADIGMA TRANSDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO DA VIDA COM ABERTURA DE FRENTES EXISTENCIAIS DE PESQUISA

■ GASTON PINEAU

 <https://orcid.org/0000-0002-0060-0669>

Universidade do Québec em Montreal (Uqam-Canadá)

RESUMO

A partir de quatro mega-perguntas, distintas porém relacionadas – quem procura o quê como e por quê? –, o artigo começa por situar textos brasileiros do autor, produzidos graças a vinte anos de cooperação com pesquisas (auto)biográficas no CIPA. Priorizando e situando culturalmente o uso da palavra na primeira pessoa, essas pesquisas abrem de modo relativamente insubordinado, porém coordenado, novas vias de formação vitais e existenciais. A primeira parte do artigo situa a passagem transicional do paradigma disciplinar das ciências a aplicar para o paradigma transdisciplinar de pessoas reflexivas. Na segunda parte, graças ao balanço realizado com base em 200 títulos da coleção *História de vida e formação*, são analisadas as oito frentes existenciais abertas por essas pesquisas como início de respostas concretas às três primeiras questões: quem procura o quê e como? A terceira parte trata da última questão: por quê? Como resposta, ela desenvolve a emergência cultural de um verde paradigma tripolar de formação da vida, para construir uma história em três velocidades e existir singularmente num mundo e com um mundo social e cósmico, entre evolução/involução/revolução planetária, nascimento e morte. O paradigma é ainda verde. Mas uma transição paradigmática internacional e intergeracional parece iniciada. A insubordinação revelou-se heurística.

Palavras-chave: Autobiografia, Conscientização, Diálogo, Existência, Formação, História de vida, História, Temporalidades, Paradigma, Transição Paradigmática, Transdisciplinaridade, Vida.

RÉSUMÉ **LES HISTOIRES DE VIE EN FORMATION : ÉVOLUTION VERS UN PARADIGME TRANSDISCIPLINAIRE DE FORMATION DE LA VIE, AVEC OUVERTURE DE FRONTS EXISTENTIELS DE RECHERCHE**

À partir de quatre méga-questions distinctes mais liées - qui cherche quoi comment et pour quoi? - la communication commence par situer les écrits brésiliens de l'auteur, produits grâce à une coopération de vingt ans avec les recherches (auto)biographiques du CIPA. En priorisant et mettant en culture la prise de parole en première personne, ces recherches ouvrent de façon relativement insubordonnée mais coordonnée, de nouvelles voies de formations, vitales et existentielles. Ces recherches se situent dans le passage transitionnel du paradigme disciplinaire des sciences à appliquer à celui transdisciplinaire des personnes réflexives (1^{ère} partie). Grâce au bilan effectué sur 200 ouvrages d'une collection *histoire de vie et formation*, la seconde analyse les huit fronts existentiels ouverts par ces recherches ancrées, comme autant d'amorces de réponses concrètes aux trois premières questions : qui cherche quoi et comment? La troisième partie traite la dernière sur les finalités : pour quoi? Comme réponse, elle développe la mise en culture d'un vert paradigme tripolaire de formation de la vie pour construire une histoire à trois vitesses et exister singulièrement dans et avec un monde social et cosmique, entre évolution/involution/révolution planétaire, naissance et mort. Le paradigme est encore vert. Mais une transition paradigmatique internationale et intergénérationnelle semble amorcée. L'insubordination s'est révélée heuristique.

Mots clés: Autobiographie. Histoire de vie. Formation. Temporalités, Transition paradigmatique.

ABSTRACT **LIFE STORIES IN FORMATION: MOVING TOWARDS A TRANSDISCIPLINARY PARADIGM OF LIFE FORMATION, OPENING EXISTENTIAL RESEARCH FRONTS**

Based on four distinct but related mega-questions - who is looking for what, how and for what? - the paper begins by situating the author's Brazilian writings, produced through a twenty-year cooperation with CIPA's (auto)biographical research. By prioritizing and cultivating first-person speech, this research opens up new vital and existential avenues of training in a relatively uncoordinated yet coordinated way. This research is part of the transition from the disciplinary paradigm of the sciences to be applied to the transdisciplinary paradigm of re-

flexive people (Part 1). Based on a review of 200 books in a life history and training collection, the second part analyzes the eight existential fronts opened up by this grounded research, as the beginnings of concrete answers to the first three questions: who is looking for what, and how? The third part deals with the final question: for what? As an answer, it develops the cultivation of a green, tripolar paradigm of life formation to build a three-speed history and exist singularly in and with a social and cosmic world, between evolution/involution/planetary revolution, birth and death. The paradigm is still green. But an international and intergenerational paradigmatic transition seems to be underway. Insubordination has proved heuristic.

Keywords: Autobiography. Life story. Formation. Temporalities, Paradigmatic transitio.

RESUMEN

LAS HISTORIAS DE VIDA EN FORMACIÓN: AVANZANDO HACIA UN PARADIGMA TRANSDISCIPLINAR DE FORMACIÓN PARA LA VIDA, ABRIENDO FRENTES DE INVESTIGACIÓN EXISTENCIAL

A partir de cuatro megapreguntas distintas pero relacionadas - ¿quién investiga qué, cómo y para qué? - el artículo comienza situando los escritos brasileños del autor, producidos a lo largo de veinte años de cooperación con la investigación (auto)biográfica del CIPA. Al priorizar y cultivar la expresión en primera persona, esta investigación abre nuevas vías vitales y existenciales de formación de forma relativamente descoordinada pero coordinada. Esta investigación se inscribe en la transición del paradigma disciplinario de las ciencias aplicadas al paradigma transdisciplinario de las personas reflexivas (1ª parte). La segunda parte analiza los ocho frentes existenciales abiertos por esta investigación fundamentada, basada en la evaluación de 200 libros de una colección de historia de vida y formación, como inicio de respuestas concretas a las tres primeras preguntas: ¿quién busca qué y cómo? La tercera parte aborda la última pregunta: ¿para qué? Como respuesta, desarrolla el cultivo de un paradigma verde y tripolar de formación vital para construir una historia a tres velocidades y existir singularmente en y con un mundo social y cósmico, entre evolución/involución/revolución planetaria, nacimiento y muerte. El paradigma sigue siendo verde. Pero parece estar en marcha una transición paradigmática internacional e intergeneracional. La insubordinación ha demostrado ser heurística.

Palabras clave: Autobiografía. Historia de vida. Educación. Temporalidades, Transición paradigmática.

Introdução¹

O belo e inspirador título deste X CIPA “*Insubordinação da pesquisa autobiográfica: democracia, narrativas e outros modos de viver*” faz eco ao I CIPA, há 20 anos, e ao livro *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria* (Abrahão (org.), 2004). Em 2018, um segundo volume fez o balanço de 14 anos de pesquisa-formação com o mesmo título: *A nova aventura (auto)biográfica. Tomo 2* (Abrahão (org.), 2018). Fui convidado a fazer um balanço de minha participação nessa aventura, que intitulei *A aventura das histórias de vida como artes formadoras da existência (L’aventure des histoires de vie comme arts formateurs de l’existence)*. Ao introduzir o termo *histórias de vida* nessa aventura, cometia uma pequena insubordinação terminológica. Mas as pioneiras e os pioneiros do CIPA têm uma mente tão aberta que ela foi aceita. As diferentes denominações fazem parte dessa aventura, e elas serão explicitadas, brevemente, no início da primeira parte.

Essa aventura não é nem simples nem de apenas um dia. Para mim, ela começou há mais de quarenta anos com uma obra seminal, pelo menos para mim: *Produire sa vie : autoformation et autobiographie* (Pineau; Marie-Michèle, 1983, reeditada em 2012). Ela se revelou fundamental, existencial e paradigmática, ou seja, anunciava diferentes níveis, a um só tempo distintos e interligados, determinando, disciplinarmente: quem pesquisa o quê? Como? e Por quê? Os(as) pioneiros(as) dessa aventura (auto)biográfica e das histórias de vida em formação se inscrevem nessa passagem transicional do paradigma disciplinar descendente das ciências a aplicar para o paradigma ascendente de atores reflexivos (Schön, 1991). Em educação, essa transição começou nos anos 1970. No Brasil, ela se inicia quando se levantava no

horizonte uma educação conscientizadora e não mais uma educação bancária (Freire, 1974). No Ocidente, uma educação permanente e não alienante (Pineau, org., 1977). É, sem dúvida, essa emergência conjunta de pesquisa-formação em novos horizontes de aprendizagem existencial vital, ao longo da vida, que nos reuniu, acima do Atlântico, de forma transdisciplinar e altamente heurística. O X CIPA celebra o aniversário e a generosidade de seus(suas) organizadores(as), permitindo-me uma tentativa de reconhecimentos das principais contribuições desses vinte anos de cooperação.

Este ensaio divide-se em três partes. A primeira parte começa por propor um mapa em grande escala das vias de insubordinação para passar do paradigma disciplinar das ciências a aplicar ao paradigma transdisciplinar de atores reflexivos em formação. Essa transição é longa, laboriosa e perigosa, pois é complexa. Ela deve desbravar vias em vários níveis: prático e das práticas das pessoas que devem *encontrar*, o sobre o *quê* objetivo, o *como* metodológico e o epistemológico, mas também o *por quê* axiológico, para qual finalidade. Nem tudo pode ser feito ao mesmo tempo. Esse mapa em grande escala permitirá melhor situar meus textos brasileiros, que pontuam os vinte anos de aprendizagens dessa passagem aventureira, graças à inestimável colaboração e coordenação lusófona-francófona.

A segunda parte apresentará um panorama das frentes de pesquisa-formação abertas pelas histórias de vida sobre e com os percursos de idades vividas, numa tentativa de dar sentido com elas. O que se tornou possível no livro *Vinte e cinco anos de vida de uma coleção. Qual(ais) história(s) em formação (Vingt-cinq ans de vie d’une collection. Quelle(s) histoire(s) en formation*, Pineau, Breton, 2021). Este livro faz um balanço retrospectivo e prospectivo de duzentas obras publicadas na Coleção. Os oito períodos e setores da vida que emer-

¹ Traduzido por Maria da Conceição Passeggi
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Universidade Cidade de São Paulo (Unicid)

gem dessas pesquisas-formações, ao longo dos últimos 25 anos, permitirão dar respostas concretas às três primeiras grandes questões paradigmáticas: quem faz o quê e Como? Essa insubordinação foi produtiva? Que vias foram abertas, com quais horizontes?

A terceira parte tentará responder à última pergunta sobre as finalidades (o por quê), oulando abordar de frente as três grandes palavras emblemáticas que são constantemente apresentadas em conjunto: história, vida, existência. O que elas revelam? Um paradigma tripolar de formação da vida que precisa ser historicizado para existir. Ele é ainda verde e balbuciente, mas talvez esteja amadurecendo com a ajuda de redes internacionais e intergeracionais.

1. Insurreição contra as divisões instituídas e busca de traços de união entre ações, formações e investigações

Construir seu ou seus próprios sentidos para a vida e para a própria vida, embora não seja evidente, se impõe para viver. E se poderia dizer que essa aventura das histórias de vida sobe ou desce de tão longe quanto a história da vida humana. Uma breve retrospectiva sócio-histórica não é supérflua para apreender sua importância e sua complexidade (ver Pineau, 2019, p. 27-51). Historicamente, podemos fazer retroceder essa busca de sentido para a vida e para a própria vida a sociedades e períodos ditos pré-históricos. Essa busca se refere a narrativas míticas orais sobre a criação e continua sob a forma de prólogos escritos de histórias “santas”, que descem dos céus para dar sentido. Na cultura ocidental, ela começa a descer à terra com a história grega das bios socráticas como arte filosófica do conhecimento de si... do mundo e dos deuses, segundo o preceito délfico: “*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o*

universo e os deuses”. A eficácia dessa primeira abordagem foi rapidamente adotada pelas elites como arte midiática e política de comunicação social e como arte pastoral de autoanálise (*Confissões* de Agostinho, 397-401). A invenção da imprensa no século XV a democratizou e a secularizou progressivamente como arte literária biográfica de expressão da vida (*As confissões* de Rousseau, 1782). No final do século XIX e início do século XX, a emergência das ciências sociais e humanas as consagrou como arte disciplinar metodológica e hermenêutica de recolha e de compreensão de dados empíricos (*A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*, Dilthey, 1883; *O Camponês Polonês na Europa e na América. Monografia de um grupo de imigrantes*, Thomas; Znaniecki, 1918). Nos últimos cinquenta anos, surgiram correntes indisciplinadas e transdisciplinares contra as apropriações religiosas, literárias e científicas divisionistas. Com as revoluções pós-coloniais, informáticas e multimidiáticas, essas correntes se alimentam de novos campos socioprofissionais de trabalho social, educativo, comunitário, midiático, político, em saúde... com pessoas que lutam frontalmente para viver e sobreviver. Para dar sentido ou sentidos a essas vidas forjadas por experiências dolorosas, essas correntes visam a fazer delas uma arte formadora para todas as pessoas.

Como primeira abordagem dessas artes formadoras da existência, refiro-me a Michel Foucault, que, no final de sua vida, tomado por uma revolução biológica em ascensão, desenterra, com o intuito de reinserir na cultura, essas artes da existência, reprimidas pelo mundo erudito num enigmático deserto existencial de luz e sombra: “*Por isso, é preciso compreender essas práticas refletidas e voluntárias pelas quais os homens, não só fixam para eles mesmos regras de conduta, mas procuram se transformar, modificar seu ser singular e fazer de sua vida uma obra*” (Foucault, 1984, p. 12).

Mas para se desenvolver, essas *práticas reflexivas e voluntárias para fazer de sua vida uma obra* exigem uma revolução paradigmática contra as clivagens instituídas entre pesquisa, ação e formação, e construir novos traços de união entre elas. Essas divisões foram abaladas. Estamos em transição. Mas as transições paradigmáticas levam tempo. Frequentemente, precisam de várias gerações (Kuhn, 1983). Elas buscam suas próprias palavras e denominações. Daí a proliferação de termos para nomear essa sociedade biográfica ou autobioformativa em emergência. Podemos entrar nessa sociedade mediante formas de expressão pessoal (narrativa, diário, carta, correspondência e agora e-mails, twits...), mediante temporalidades (memórias, crônicas, histórias...) ou pela própria vida, guardando ou não sua raiz grega *bios* (Pineau, 2019, p.43).

Para nos atermos apenas a duas nomenclaturas, o termo (auto)biografia retoma *biografia*, termo mais consagrado pela revolução de cinco séculos de imprensa, mas precedendo-o do prefixo *auto*. Mesmo entre parênteses, o termo (auto) abre a porta à revolução científica que leva a sério a palavra pronunciada na primeira pessoa do singular. O termo *história de vida* se emancipa da etimologia grega e dos meios de expressão da vida para introduzir na linha de frente a *história*. Mas o que isso quer dizer? Isso não reduz a aventura. Pelo contrário, parece amplificá-la, abrindo-a a movimentos e a horizontes temporais tão invisíveis quanto infinitos, tanto do ponto de vista cotidiano quanto das idades da vida pessoal, social e mesmo cósmica. O que temos em comum é que, para introduzir este *autos*, o si mesmo, e para que esse *autos* conjugue, dê forma, sentido às vivências temporais heterogêneas, ou até contraditórias, para fazer delas uma história pessoal, é necessário ultrapassar a divisão disciplinar clássica entre pesquisa, ação e formação. É necessário criar entre essas opera-

ções traços de união para que as pessoas se tornem autoras da sua própria vida e façam dela uma obra.

Ter a iniciativa de construir saberes para vincular cognitivamente as experiências de vida é, portanto, uma aventura existencial que requer muito fôlego. Pois ela se lança em aprendizagens contínuas em todos os setores da vida. Obriga a viver pessoalmente essa mudança paradigmática em curso. Assim, lidar com cada problema seu exige lidar com o problema dos outros e também o estado pessoal de transição do antigo para o novo paradigma. Essa situação frequentemente mistura fragmentos do paradigma anterior com fragmentos daquele em emergência. Daí o caráter não ordinário, original, ou mesmo, ligeiramente, anormal das reflexões sobre a forma de lidar com tais problemas, em termos de pesquisa, de ação e de formação.

Para se situar nessas mudanças-viradas pessoais e sociais, que podem ocorrer a 45, 90 ou mesmo 360 graus, não é supérfluo recorrer a um mapa de grande escala, como o *Global Positioning System* (GPS), para visualizar e situar os diferentes níveis envolvidos: quem faz o quê? Para quem? Como? e Por quê?

1.1 Mapa em grande escala para situar as diversas insubordinações dessa aventura ao longo dos anos (ver Quadro 1)

O paradigma disciplinar do conhecimento científico está alicerçado em uma regra epistemo-metodológica de uma divisão instituída entre as operações de pesquisa, de ação e de formação, de acordo com o que se pode chamar de “paradigma ocidental moderno clássico” (POMC-Berque, 2000). A reflexão objetiva, válida, legítima é a dos pesquisadores e profissionais que aplicam saberes instituídos. Ela centra-se principalmente em objetos distintos, separados, claramente delimitados. Ela visa objetivos de explicação e de aplicação sob a

forma de saberes objetivos, precisos, certos, que comandam a ação. O papel dos atores consiste em utilizá-los da melhor forma possível esses saberes, depois de terem sido informados e formados com eles.

No paradigma transdisciplinar emergente dos atores reflexivos em formação, são os atores que são os primeiros pesquisadores sobre e com suas práticas, suas experiências de um

mundo vivido. E eles fazem isso de modo enraizado, utilizando metodologias dialogadas de pesquisas interativas e cooperativas implicadas, e de acordo com uma epistemologia implícita de conhecimento concreto, experiencial e sinérgico. Seus objetivos de compreensão prática podem ser também teóricos, mas, para além e através deles, eles pretendem, acima de tudo, a autonomização de seu agir e de seu devir.

Quadro 1: Mapa em grande escala das diferenças entre o paradigma disciplinar das ciências a aplicar e o paradigma transdisciplinar dos atores reflexivos em formação

Paradigmas Questões constituintes	Disciplinário das ciências	Transdisciplinário de atores reflexivos
Quem faz a reflexão? E para quem?	Pesquisadores e profissionais para encontrar e aplicar saberes objetivos da reflexão válida, objetiva.	Práticos, atores, sujeitos para viver existindo
Refletir sobre o quê? Objeto de pesquisa	Objetos distintos, separados, claramente delimitados.	O mundo vivido, concreto, existencial: as práticas, as ações, as experiências.
Como refletir? <ul style="list-style-type: none"> • Metodologia • Epistemologias 	<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia dicotômica de divisão social e técnica da pesquisa: sujeito/objeto, prática/teoria, ação/reflexão. • Epistemologia disciplinar positivista de um saber analítico, preciso, certo e organizador 	<ul style="list-style-type: none"> • Metodologias interativas de pesquisa com traços de união: pesquisa-ação, - participativa-colaborativa-formativa. • Epistemologia transdisciplinar de um saber sistêmico, complexo e dialético
Por que refletir? Axiologia e ética	Objetivos de explicação e de compreensão teórica para encontrar leis, modelos e princípios a aplicar.	Objetivos de compreensão prática e teórica, mas também objetivo de autonomização do agir e do ator.

Este mapa de grande escala serve para indicar a direção do caminho no cotidiano, especialmente para agentes que devem gerenciar suas práticas com restrições de tempo e de horizontes limitados. A gestão dessas práticas *in vivo* mobiliza uma inteligência sensório-motora e operatória incorporada, forjada pela experiência. Todo um conjunto de conhecimentos experienciais em ação, reprimidos por saberes formalizados nos laboratórios, é visto como resíduo considerado, na melhor das hipóteses e desde alguns anos, como informal ou não formal. Esse início de reflexão já é uma conquista da revolução paradigmática em curso.

Assim, esse mapa de grande escala permite visualizar a amplitude e a complexidade metodológica, epistemológica e sócio-ética para uma inserção plena na cultura em vez de um esfrelamento permanente das experiências vividas. As insubordinações (auto)biográficas e das histórias de vida em formação se inscrevem nos *movimentos cidadãos e em polêmicas sobre a ciência* para reduzir um desperdício mundial de experiências humanas (Santos, 2016). O próximo subitem procura identificar meus pequenos passos brasileiros e que tenho dado e graças à solidariedade comum nesta transição paradigmática.

1.2 Textos pessoais publicados em português e produzidos graças à insubordinação comum organizada

O Quadro 2, a seguir, apresenta os textos pessoais publicados no Brasil que permitem pontuar a insubordinação comum e organizada das pesquisas (auto)biográficas e das histórias de vida em formação. Ele será comentado enquanto respostas a 5 (cinco) perguntas: Contextos? Quem? O quê? Como? Por quê?

1.2.1 Sobre o contexto sócio-histórico

A aventura das pesquisas (auto)biográficas e das histórias de vida em formação, como já mencionamos, surge, no Brasil, quando se eleva no horizonte uma educação conscientizante e não bancária (Freire, 1974). E no Ocidente, quando se eleva uma educação permanente não alienante (Pineau, ed., 1977). Os três primeiros textos, datados do início dos anos 2000, dão conta:

- dessas novas temporalidades na formação (2004). *Temporalidades na formação. Rumo a novos sincronizadores*. São Paulo: Triom, 2004.
- da emergência de *um paradigma antropofornativo transdisciplinar* (2005). “Emergência de um paradigma antropofornativo de pesquisa-ação-formação transdisciplinar”, *Saúde e Sociedade*, vol.14, no 3. P.102-110, 2005.
- da *corrente de pesquisa-ação-existencial* com histórias de vida em formação (2006): As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e pesquisa*, vol. 32, no. 02, p. 329-34, 2006.

O livro de 2012 - *As histórias de vida*, escrito em colaboração com Jean-Louis Le Grand, é a tradução de uma obra publicada, pela primeira vez na França, em 1993. Devo essa honra Elizeu Clementino de Souza e Maria da Conceição Passeggi que criaram a série *Clássicos das histórias de vida*, da coleção *Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação* em 2008. Prova da abertura e produtividade de pioneiros brasileiros criativos, muito cuidadosos em sua insubordinação.

Quadro 2: Textos de Gaston Pineau sobre a evolução das histórias de vida rumo a um paradigma de formação transdisciplinar

<p>Conjunto de contextos sócio-temporais</p>	<p>2004 – <i>Temporalidades na formação. Rumo a novos sincronizadores</i>, São Paulo: Triom, 2004.</p> <p>2005 – Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar, <i>Saúde e Sociedade</i>, Vol.14, no 3. 2005.</p> <p>2006 – As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. <i>Educação e pesquisa</i>, vol. 32, nº02.</p> <p>2012 – <i>As histórias de vida</i>. Em colaboração com J.-L. Le Grand. Natal: Edufrn, 2012.</p>
<p>Quem? Para quem?</p>	<p>2006 – II CIPA - As histórias de vida como artes formadoras da existência. In Souza, E.C. Abrahão, M. H. (Org.) <i>Tempos, narrativas e ficções a invenção de si</i>. Salvador: Eduneb; Porto Alegre; Edpucrs, 2006.</p> <p>2014 – História de vida e sujeitos em formação permanente. In Lima et alii (Org.) <i>O reconhecimento de si e do outro na formação humana</i>. Boa Vista: Edufr, 2014.</p>
<p>O quê?</p>	<p>2008 – III CIPA – Aprender a habitar a Terra: ecoformação e autobiografias ambientais. In: Passeggi, M.C; Souza, E.C. (Org.). <i>Autobiografia, formação, territórios e saberes</i>. São Paulo: Paulus, Natal: Edufrn, 2008.</p> <p>2012 – V CIPA – Gêneros, gerações, infâncias e famílias: perspectivas (auto) biográficas. In: Eggert, E.; Fischer, B. (Org.). <i>Gênero, Geração infância, juventude e família</i>. Natal: Edufrn; Porto Alegre: Edpucrs, Salvador: Eduneb, 2012.</p>
<p>Como?</p>	<p>2012 – V CIPA - A tríplice aventura (auto)biográfica: a expressão, a socialização e a formação. In Abrahão. M. H.; Passeggi. M.C. (Org.) <i>Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (Auto)biográfica</i>. Tomo 1. Natal: Edufrn; Porto Alegre: Edpucrs, Salvador: Eduneb, 2012.</p> <p>2009 – Diálogo, dialética e dialogia em história de vida. In: Takeuti, Niewiadomski (Coord.), <i>Reinvenções do Sujeito Social. Teoria e Práticas biográficas</i></p> <p>2011 – Histórias de vida e alternância. In Souza, E.C. <i>Memória, (auto)biografia e diversidade. Questões de método e trabalho docente</i>.</p> <p>2012 – Experiências de vida e formação docente: religando os saberes. Um problema paradigmático mais que programático. In Moraes. <i>Os sete saberes necessários à educação do presente</i>.</p> <p>2016 – VII CIPA – Narrativas autobioformativas. Prefácio aos 6 livros da coleção do VII CIPA. Curitiba: CRV, 2016.</p>
<p>Por quê? (Axiologia - ética)</p>	<p>2008 – O gaio saber do amor à vida. In Souza, E.C.; Mignot, A.C. (Org.). <i>Histórias de vida e Formação de professores</i>.</p>

1.2.2 Por quem e para quem?

O foco do II Cipa, em 2006, *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, permitiu-me levantar a bandeira da prioridade de um si mesmo existencial em evolução ao empreender para

aprender, para compreender e para se formar ao longo das idades da vida: *As histórias de vida como artes formadoras da existência* (2006). Dez anos mais tarde, Gilvete Gabriel de

Lima, uma das primeiras doutorandas de Maria Passeggi, permitiu-me agitar a mesma badeira, em Roraima, com *História de vida e sujeitos em formação permanente* (In: Lima et al. 2014).

1.2.3 Sobre o quê?

O sobre o quê abre o leque infinito das experiências vividas ao longo das idades de toda uma vida. O III CIPA, em Natal, em 2008, centrado em Territórios, me sensibilizou para a importância dos lugares vividos, dos habitats, a ser levada em conta nas histórias de vida: *Aprender a habitar a Terra: ecoformação e autobiografias ambientais* (In Passeggi, M.C.; Souza, E.C, (Org.) 2008). A natureza infra-linguística desta base material da vida dificulta a tomada de consciência para nomear seu alcance vital para além do seu agenciamento e seu uso imediato na vida cotidiana corrente. Mas a amplitude da escala da crise ecológica atual nos obriga a repensar essas relações de uso imediato, na tentativa de fazer com elas sábias relações. Essa crise nos obriga a sair de um inconsciente ecológico mortífero e a olhar para os vínculos mutuamente vitais entre organismos e meio ambiente material. Natal me permitiu estabelecer a sinergia da emergência das histórias de vida ambientais com os diferentes lugares de habitação, com as coisas e com as paisagens marcantes (Pineau, 2023, p.175-183).

O título de uma de minhas duas comunicações no V CIPA, em Porto Alegre, em 2012: *Gêneros, gerações, infâncias e famílias: perspectivas (auto) biográficas* (In Eggert, Fisher (Org.), 2012), parte do questionamento sobre: Que elo(s) subterrâneo(s) une(m) essas quatro grandes palavras? E que contributo podem dar às perspectivas (auto)biográficas? Também aqui, a problemática do V CIPA me deu a audácia de recorrer à *L'histoire de la sexualité*, de Foucault (1976, 1984), para iluminar e negociar a passagem pós-moderna do que se poderia chamar um segundo limiar da modernidade

biológica. O exercício da sexualidade determina, tanto do ponto de vista orgânico quanto cultural, o gênero dos indivíduos, sua geração, sua infância, sua família de origem ou a que se fundou. A maestria desse exercício implica também a formação tanto do indivíduo quanto da sociedade. Essa maestria constitui o desafio mais importante da formação humana em geral. Poder exercer livre e conscientemente sua sexualidade, poder falar sobre ela, é, como analisa Foucault, um biopoder decisivo, e sem dúvida o biopoder arquetípico da formação humana, na origem da árvore da vida e do conhecimento (Pineau; Le Grand, 2019, p.66-70).

1.2.4 Sobre o Como?

Como lidar com experiências de vida tão sensíveis para que elas se tornem parte da cultura histórica e não sejam reprimidas? Nessa passagem paradigmática, o texto "*Diálogo, dialética e dialogia em história de vida*" (2009) apresenta, da forma mais exitosa, até a presente data, um modelo dialógico de co-investimento no campo das histórias de vida. Como postulava Paulo Freire, esse modelo está enraizado no diálogo. O texto situa essa prática narrativa básica e comum da comunicação nas suas raízes epistemo-metodológicas antigas – a dialética – e na sua ascensão moderna – o dialógico. É o resultado de trinta anos de pesquisa-ação na formação de adultos com essa abordagem.

A história de minha história de vida começou pelo diálogo de um jornalista comigo. Esse diálogo abriu um espaço para a expressão da minha experiência de vida, permitindo-me dialogar com elementos e acontecimentos reprimidos ao longo da minha história. A abertura desse espaço de diálogo só foi performativo porque recorreu à epistemologia dialética para situar o campo de tensões contraditórias em jogo na construção de uma historicidade pessoal. Por fim, a complexidade contraditória desse campo só pôde ser tratada por ter sido

metodologicamente trabalhada segundo um modelo dialógico de co-investimento.

O diálogo ancora as histórias de vida numa prática narrativa oral corrente e performativa, que se forma através da linguagem e para além da linguagem. A dialética, arte do diálogo, ou ciência do devir, religa essa prática quotidiana a variadas correntes milenares de construção histórica do saber singular. A dialogia, como princípio de inteligibilidade da complexidade (Morin, 2003, p. 45-46), atualiza essas correntes que a abordagem dialógica em sociolinguística permite trabalhar metodologicamente.

O prefixo *dia* – através – é comum aos três termos. Denota tanto a divisão, a separação, quanto o caminho para sua união, reunião. A repetição concernente ao exercício partilhado da palavra e da lógica para construir as histórias de vida quer sublinhar a necessária ruptura com modelos monológicos para que essa construção seja formadora de pessoas: modelo biográfico de investimento externo na vida do outro, modelo autobiográfico de auto-investimento exclusivo. Essa repetição – que opera em níveis práticos, epistemológicos e metodológicos diferentes – não é supérflua se quisermos trabalhar na direção de uma transição paradigmática para um modelo dialógico de co-investimento.

1.2.5 Sobre o por quê axiológico e ético: a abertura da aventura existencial ou o gaio saber do amor à vida

Foi Elizeu Clementino de Souza quem, desde 2008, me permitiu responder mais explicitamente à última questão, porém a primeira quanto à sua importância: a questão axiológica do **Por que** das histórias de vida, com o texto: *O gaio saber do amor à vida*. Esse texto é a tradução de minha conferência de aposentadoria, em 2007 (Bachelart; Pineau, 2009).

Nas lutas de poder entre saberes, a história tão reprimida e tão pouco conhecida, o gaio

saber concerne mais diretamente ao livro de Friedrich Nietzsche: *O gaio saber (Le gai savoir 1982, 1ª. ed. 1882)*. Mas, desde os séculos XII e XIII, *o gaio saber* – ou *a gaia ciência* – designava, primeiramente, a animação da vida trazida pelas canções dos trovadores, que levavam de castelo em castelo, a boa nova de um novo amor à vida em formação: o amor cortês. Quando evocado pela primeira vez, o gaio saber era, então, o encantamento cognitivo provocado de forma surpreendente pelas audaciosas tentativas culturais de dar forma e sentido, nas línguas vivas correntes, a estranhos impulsos e emoções de união que contagiavam a aventura existencial dos viventes.

Durante o Renascimento, Rabelais, pela boca de Grandgousier, saudava assim a inteligência precoce do jovem Gargantua: “*Oh, como és pleno de bom senso... um dia destes, te farei doutor em Gaio Saber*” (Rabelais, 1534, cap. 13). Mas o divórcio entre a universidade nascente e a inteligência da vida já era tal que esse primeiro ensaio satírico de reconhecimento universitário não logrará a validação das contribuições deste saber feliz cotidiano, paradoxal, não formalizado pela linguagem erudita da época.

A formulação mais contemporânea e paradoxal deste “gaio saber” que me vem à memória é a de um de meus professores-amigos que sobreviveu a Auschwitz, Georges Snyders. No final da sua vida, ele ousou enunciar e partilhar o que chamava de sua alegria de Auschwitz: “*A alegria de Auschwitz, se me atrevo a usar estes termos, é cada momento, cada ato, por vezes mínimo, por vezes grave, em que usamos toda a energia que restava para afirmar a dignidade de seres humanos verdadeiros*” (Snyders, 1996, p. 118; Pineau, 2016, p. 138). Alegria de iniciados! Podemos agradecer-lhe por essa partilha.

Paradoxalmente, *o gaio saber* não é um saber superficial, originário. É, ao contrário, o saber pessoal de um iniciado, longamente

amadurecido, construído, conquistado com lutas pela vida e provações das quais saímos vivos apesar de tudo. Nietzsche o vê como uma ciência da profundidade trazida pelas experiências de uma grande dor: “Somente a grande dor... nos obriga, a nós filósofos, a descer em nosso derradeiro abismo... Duvido que semelhante dor melhore, mas sei que ela nos aperfeiçoa... A própria vida se tornou um problema. Mas não se pense que alguém possa necessariamente entristecer-se com isso! Ainda assim, o amor à vida é possível, mesmo que se tenha doravante uma outra maneira de amar” (Nietzsche, 1982, p. 25).

Situar o impulso contrabandista das histórias de vida em formação nessa perspectiva existencial é levar a sério essa pulsão bio-cognitiva de traduzir sua própria vida em palavras para construir sentido, sensibilidade, direção e significação. Essa tradução permite existir pessoalmente com provações mortificantes, transformando-as em fontes históricas.

Binswanger criou o conceito de história interior da vida em sua *Introdução à análise existencial* (1947). Sartre, líder dos existencialistas, e depois Lucien Sève com *Marxismo e teoria da personalidade* (1968), deram uma contribuição importante para o renascimento da biografia como ciência da constituição do ser humano concreto. As abordagens fenomenológicas, hermenêuticas e etno-metodológicas mostram a evidência de que os atores sociais não são idiotas culturais. As correntes da educação existencial se desenvolvem sob diferentes designações: educação conscientizante em oposição à educação bancária (Freire, 1974), pesquisa-ação existencial (René Barbier, 1996), autoformação existencial (Galvani, 2020). Vincular as histórias de vida a esse percurso existencial significa reconhecer a profundidade histórica de uma genealogia específica que as árvores disciplinares escondem demasiadamente bem.

Apesar de todo lado sombrio e trágico da vida, esses anos de pesquisa-ação-formação de sentido a partir de experiências e com experiências existenciais, pessoalmente vividas, permitem ousar religar-se a essa dinâmica de formação histórica do gaio saber complexo, paradoxal, profundo e transdisciplinar. Essa religação não significa dizer que já tenhamos o saber concluído. Pelo contrário, significa que podemos começar legitimamente a exercer nosso poder de aprender com nossas vidas. Elas podem ter “bom senso”. O biográfico, a reflexividade e as temporalidades já não são apenas práticas contrabandeadas, condenadas, excluídas e reprimidas pelos alfandegários universitários na defesa de saberes muitas vezes obsoletos, pouco revigorantes e vivificantes. Por nós, a vida tem um pé nas universidades. Mas, sobretudo, não os dois. É preciso continuar a viver do lado de fora. Não nos enclausurarmos. O saber da vida, o Gaio Saber, se constrói por alternância. Alternando a formação experiencial “in vivo” e a formação formal “in vitro”, mediante o reconhecimento e a valorização em reciprocidade. O Gaio Saber resulta do encontro incandescente das chamas da vida e da teoria.

É por tal encontro que se trabalha essa abertura paradigmática em que palavras performativas possam ser pronunciadas pelo máximo de pessoas sobre a vida e com sua própria vida, para inscrevê-la na cultura histórica e fazer dela uma obra-prima existencial. Essa abertura permanecerá sempre uma aventura individual e coletiva infinita. Mas novos horizontes se abriram com as produções dos últimos vinte anos. Produções que limpam o terreno tanto experiencialmente quanto teoricamente para novas áreas de pesquisas-formações existenciais. A segunda parte deste artigo fará um sobrevoo neste campo em aberto, graças à análise de duzentos títulos da coleção *História de Vida e Formação*.

2. Aberturas em oito frentes existenciais vividas para a construção de sentido

Em 1996, foi criada pela editora l'Harmattan, em Paris, uma coleção intitulada *Histoire de vie et formation*. Seu objetivo era ambicioso: “construir uma nova antropologia da formação abrindo-se a obras que procuram articular história de vida e formação. A coleção tem duas vertentes que correspondem a dois modos do percurso antropológico: o diurno e o noturno. A vertente formação está aberta a reflexões sobre a formação que se inspiram em novas antropologias para compreender o inédito das histórias de vida. A vertente história de vida, mais narrativa, reflete a expressão direta dos atores sociais que no confronto com a vida cotidiana procuram lhe dar forma e sentido” (Apresentação da coleção). Ela visava não apenas oferecer um meio de publicação de escritas autobiográficas para uma audiência frequentemente restrita, mas também, para reuni-las de modo a fazer delas, a médio e longo prazo, um instrumento de pesquisa. No final de alguns anos, tal agrupamento quantitativo de escritas pessoais singulares não seria capaz de revelar, mediante uma análise do conjunto das obras, correntes sociais invisíveis?

2.1 Sobrevoos analítico das 200 obras da coleção *História de vida e formação*

No início da década de 2020, ou seja, vinte e cinco anos depois de sua criação, a coleção reunia quase duzentas obras: 108 na vertente narrativa e 91 na vertente reflexiva hermenêutica. Ela parecia muita viva ao atingir a idade de maturidade adulta. Mas, eu, chegando a uma outra idade, uma transição intergeracional se impunha quanto à responsabilidade de sua continuidade. Para tornar essa transição o mais heurística possível, era preciso analisar essas 200 obras, fazer um balanço, tanto retrospec-

tivo, quanto prospectivo. O livro *Vinte e cinco anos de vida de uma coleção: qual(ais) história(s) em formação (Vingt-cinq ans de vie d'une collection : quelle(s) histoire(s) en formation?*, (Pineau, Breton, (Dir.), 2021) relata esse processo. A primeira parte apresenta uma análise retrospectiva. A segunda e a terceira são mais prospectivas, com os principais atores/autores da coleção, incluindo grandes colegas e amigos brasileiros. Mas ambas as partes contam como base 8 (oito) áreas de expressão e de reflexão bio-cognitiva sobre cursos de vida que emergiram ao longo desses vinte e cinco anos.

Podemos ver essas zonas bio-cognitivas vivas como entradas sensíveis a trajetórias de vida em busca de sentido, trabalhadas com profundidade por questões existenciais que suscitam pesquisas experienciais e reflexivas específicas. Os problemas de construção de sentido para esses percursos não concernem a bloqueios patológicos habituais, associados a tratamentos psicoterapêuticos e psiquiátricos conhecidos. Eles parecem com efeito resultar de condutas normais, autônomas e mutáveis da vida, embora no embate com novas vias. Novas vias sociais e políticas, mas também tecnológicas, midiáticas e mesmo ecológicas. Essas novidades de níveis macro afetam diretamente o micronível de cada indivíduo: sua vida cotidiana, sua agenda, suas relações, sua intimidade, seu trabalho, sua saúde, suas travessias de idade...

Viver já não consiste prioritariamente em reproduzir nem o que nos foi ensinado, nem o que os grandes discursos atuais querem ensinar. Sua proliferação, mais ou menos sedutora ou autoritária, se esforça para esconder uma pane de sentido bastante generalizada. Antes que a inteligência artificial assuma o controle, se é que alguma vez o fará, será preciso tempo... e dinheiro.

No momento, viver, sobreviver e existir com todas essas novidades, significa tomar a vida

nas mãos e na cabeça... para produzi-la... não só, mas, com os outros e com as coisas e... o tempo todo, em todas as idades. Daí o elevar-se de amplos horizontes para a era planetária: aprendizagem ao longo da vida, em todos os setores da vida, formação continuada, permanente... histórias de vida em formação.

Face aos bilhões de vidas atuais, a contribuição da expressão de duzentas histórias de vida ao longo dos últimos vinte e cinco anos é bastante relativa. Mas é com essa relatividade que elas devem ser tratadas, uma rela-

tividade que religa o micro, o meso e o macrocosmo, e que nos religa a nós mesmos. É, pois, com essas relações que me atrevo a apresentá-las.

Destas 200 histórias de vida em formação, emergiram 8 (oito) entradas sensíveis da vida, colocando bastante problemas para exigir uma palavra na primeira pessoa do singular e abrir problemáticas de conceitualização para tentar construir sentido. Essas 8 frentes sensíveis reúnem, de forma religada, as duas vertentes narrativas e hermenêuticas (ver Quadro 3).

Quadro 3: Panorama das duzentas obras nas duas vertentes e nas oito áreas bio-cognitivas de expressão e de conceitualização formativa da vida

Vertente narrativa	Vertente hermenêutica	N. de obras
1. Histórias de infâncias e de relações familiares intergeracionais (10)	1. Perspectivas formativas sócio-temporais (12)	22
2. Educação e formações formais (14)	2. Reflexões experienciais autoformativas (10)	24
3. Vidas profissionais (16)	3. Religar trabalho e formação (15)	31
4. Saúde (19)	4. Cuidar de si e dar forma a si mesmo (9)	28
5. Interculturalidade (12)	5. Formação dialógica com o mundo (13)	25
6. Sociopolítica (11)	6. Formação emancipatória (9)	20
7. Vidas nas fronteiras sociais (14)	7. Transdisciplinarização da formação (9)	23
8. Busca de sentido (12)	8. Antropoformação (14)	26

Quatro áreas bio-cognitivas são concernentes a todas as vidas:

1. **Histórias de infâncias e de relações familiares intergeracionais** abrem e ancoram as reflexões sobre a formação em temporalidades pessoais intergeracionais. A obra seminal deste setor é a de Martine Lani-Bayle : *L'histoire de vie généalogique. D'Œdipe à Hermès* (1997).

2. **Histórias de escolas e de formação formal** que, analisando de forma muitas vezes crítica essas experiências iniciais, permitem uma apropriação pessoal autonomizante. É nessa zona hipersensível que a contribuição brasileira é a mais importante, são três obras com Maria Passeggi:
 - 2014. *Raconter l'école. À l'écoute des vécus scolaires en Europe et au Brésil.*

- (*Narrar a escola. A escuta dos vividos escolares na Europa e no Brasil*), Lani-Bayle, M.; Passeggi, M. (Dir.);
- 2022. *Des écoliers racontent leur école. Découvertes, jeux, apprentissages (As crianças falam de sua escola. Descobertas, jogos, aprendizagens)* Lani-Bayle, M.; Passeggi, M.; Vasconcelos, S. (Dir.);
 - 2024. *Mémorial universitaire et de formation. Une culture narrative dans l'enseignement supérieur brésilien. (Memorial universitário e de formação. Uma cultura narrativa no ensino superior brasileiro)* Passeggi, M.; Braun Dahlet, V. (Dir.).
3. **Histórias de vida profissional**, reinterrogando a relação entre formação e trabalho, elas representam o setor mais produtivo: 25 obras. O leque profissional é amplamente aberto: desportista, sociólogo, professor, repórter, médico, candidato a emprego, conselheiro de orientação, aviador, marinheiro, cirurgia, parteira, bibliotecário... As narrativas cobrem toda a carreira ou apenas um período: *Commencer à gagner sa vie sans la perdre. Recherche sur le premier cours de la vie professionnelle* (Prévost, 2005). Em 2015, Gilvete de Lima Gabriel nos deu a honra de publicar sua tese com o título: *Autobiographie narrative et construction d'identité enseignante en Amazonie brésilienne*.
 4. A partir dos anos 2000, **as histórias de saúde** ganham visibilidade, associando o cuidado de si e dos outros à formação humana, de acordo com a etimologia dinâmica da formação. O livro organizado durante a pandemia planetária, no início dos anos 2020, foi uma estreia mundial: *Chronique du vécu d'une pandémie planétaire. Récits d'universitaires d'Est en Ouest. Premier semestre 2020*. (Breton, H. (Dir.) 2020).
- Os outros três setores provêm de campos sociais vividos mais especificamente por algumas pessoas:
5. **Entreluzamentos interculturais**, multiplicados pelos movimentos atuais de mundialização, reavivam, voluntariamente ou não, uma formação dialogante com o mundo. *Transhumer entre les cultures. Récit et travail autobiographique*, de Malika Lemdani Belkaïd (2004) é um belo exemplo de teorização que prolonga uma autobiografia implicada: *Normalienne en Algérie* (1998). Ha Vinh Tho soube introduzir, com sutileza, referências à prática budista no seu livro com um título evocativo: *De la transformation de soi. L'éducation des adultes au défi des histoires de vie*. Foi nessa efervescente área bio-cognitiva que Elizeu Clementino de Souza abriu a participação brasileira em 2008: *(Auto)biographie. Écrits de soi et formation au Brésil*. É nesse setor intercultural que se situam as histórias de gênero. *Des femmes 's' écrivent. Enjeux d'une identité narrative* (Trekker, 2009).
 6. **Histórias sociopolíticas**, elas mantêm e desenvolvem uma mirada emancipatória da formação, lembrando que a vida é uma luta. Das 20 produções deste setor polêmico, os recentes aniversários da Guerra da Argélia nos levam a mencionar duas obras de referência: *Guerre d'Algérie, Guerre d'indépendance. Paroles d'humanité* (Association des Anciens Appelés en Algérie Contre la Guerre, 2012); e *Traumatismes de guerre. Du raccomodement par l'écriture* de Corinne Chaput Le Bars (2014). Em 2016, Lúcia Ozório, do Rio de Janeiro, nos ofereceu o fruto de uma longa luta de autonomia emancipatória: *La Favela de Mangueira*

et ses histoires de vie en commun. Travailler avec les périphéries.

7. **Histórias de vida nas fronteiras do trabalho social**, para evitar qualquer estigmatização rápida, foram reunidas neste sétimo setor as histórias de violência social, as prisões e as situações-limite, obrigando a formação a aberturas transdisciplinares. *Tranches de vide ou le roman de Jil*, de Renaud Valère, abre a vertente narrativa em 2002. Uma trilogia coordenada por Catherine Schmutz-Brun, Martine Lani-Bayle e Gaston Pineau pontuou os últimos anos de vida, explorando de frente o regime noturno da vida e da formação: *Histoires de morts au cours de la vie* (2011); *Histoires de nuits au cours de la vie* (2012). A crescente crise ecológica levanta questões sobre nossas relações com outras formas de vida: *La vie avec les animaux. Quelle histoire? Essai d'éco-zooformation* (2015). A incansável Catherine continua em 2021 com *Histoire de vie et rapport au végétal. Ecobiographie en formation*.

Por último, o oitavo setor é considerado como uma síntese. Ele será designado de:

8. **Histórias de busca de sentido e de antropoformação**, reunindo produções que abordam diretamente a busca de sentido, o que, para nós, define mais diretamente as histórias de vida em formação. Uma obra do Québec ilustra bem este setor: *Moments de formation et mise en sens de soi*, de Pascal Galvani, Danièle Nolin, Yves de Champlain e Gabrielle Dubé (2011). Este sector teve também a chance de se beneficiar das últimas produções de Bernard Honoré, um dos principais filósofos contemporâneos da formação: *L'ouverture spiri-*

tuelle de la formation (2013); *Le sens de l'expérience dans l'histoire de vie. L'ouverture à l'historicité* (2014); *Histoire de vie et formation de la personne* (2019).

Nas duas partes prospectivas, duas autoras e um autor do Brasil lançam luz sobre os horizontes que vislumbram quanto à área biocognitiva que trabalham de frente:

- Maria Passeggi: *S'approprier les formations initiales et continues du cours de la vie : un triple enjeu épistémopolitique, post-disciplinaire et post-colonial* (chap. 5);
- Lúcia Ozório: *S'ouvrir à des épistémologies du Sud pour une formation socio-politique autonomisante* (chap.11);
- Elizeu Clementino de Souza: *Figures anthropologiques et défis de la recherche : réseaux et mondialisation de la formation* (chap. 12).

2.2 Entrecruzamentos das oito frentes abertas pelas quatro questões paradigmáticas

Entrecruzar essas oito frentes existenciais de busca de sentido, que emergiram dos 25 anos de pesquisa-formação, com as quatro megaperguntas do mapa da transição paradigmática, nos permite, por um lado, respondê-las de forma mais concreta e fundamentada e, por outro lado, ver em que ponto se encontra o novo paradigma em curso de pessoas reflexivas nas histórias de vida em formação. Cada um dos 17 capítulos do livro analisa longamente cada frente aberta, de forma retrospectiva e prospectiva, experiencial e hermenêutica. Uma mina a céu aberto para garimpeiros modernos! Aqui apenas podemos dar início às respostas, situando-as rapidamente em função das perguntas.

2.2.1. Quem expressa e reflete sobre o quê do mundo vivido

Para essas duas primeiras questões paradig-

máticas globais, as oito frentes abertas identificam inícios precisos e preciosos de pesquisa-formação como resposta. Do *quê* do mundo vivido se sobressaem quatro períodos e quatro setores da vida suficientemente problemáticos e efervescentes para suscitar questões sobre *quem* se mobiliza para tomar a palavra na primeira pessoa do singular, em (auto), mas também em diálogo dialógico, em (co). Esse tomar a palavra na primeira pessoa pode se fazer depois de se ter vivido períodos ou setores da vida diferidos, com o recuo do tempo. Mas eles também podem ser feitos enquanto se vive, no calor da ação, como filho, pai ou mãe, estudante, trabalhador, doente, migrante, cidadão, estrangeiro, imerso numa busca urgente de sentido. Os dois livros que contam com a coordenação de Maria Passeggi sobre crianças que contam suas experiências na escola (2022 e 2014) são extremamente inovadores e esclarecedores no seu cultivo da palavra das crianças, raramente levada a sério.

1. Quatro períodos de vida em efervescência

- **Os primeiros anos** do nascimento e da infância, com seus problemas intergeracionais avivados pelas (r)evoluções de gênero;
- **Os anos de formação formal inicial** prolongados pelos anos de formação contínua, a escola em perpetuidade ou em auto-sócio-ecoformação conscientizante;
- **Os anos de trabalho** a serem vividos ao longo de um período de pelo menos 50 anos, com um mercado de trabalho também em (r)evoluções socio-técnicas permanentes;
- **Os períodos entre saúde/não-saúde:** por não serem fáceis de situá-los cronologicamente contribuem, sem dúvida, à necessidade de pesquisa-formação sobre o cuidado pessoal de si mes-

mo e dos outros, com ou sem acompanhamento médico.

2. Quatro setores problemáticos da vida

- **O intercultural** enfrenta a revolução de uma mobilidade mundial que intensifica os deslocamentos e as migrações, exigindo uma mundialização da formação na era planetária ou do Antropoceno.
- **O sócio-político**, com debates/combatentes de repatição de poderes sobre a vida pessoal, social, mas também planetária, forjando uma mirada emancipatória de formação não alienante.
- **As vidas nas fronteiras do social**, da noite, da morte (prisão, errância, marginalidade, agonia...), experimentando vividos-limites, em becos sem saída ou em transições extenuantes.
- **Uma procura frontal de sentido**, abordando as histórias de vida como meio central antropofomador de si mesmo, dos outros e das coisas.

Essas frentes, ou entradas, bio-cognitivas abertas não são estanques. Elas indicam apenas o período ou o setor da vida principalmente implicado, mais ou menos e religados explicitamente aos outros. Por exemplo, o livro *Brise le silence. Histoire de vie régénérante*, de Melkior Capitolin, publicado em 2020, foi colocado na área bio-cognitiva das histórias de vida sociopolíticas. Mas ele tem uma profunda influência sobre os outros setores. Melkior, com o objetivo de arrancar suas próprias palavras de um silêncio colonial vertiginoso, quer se libertar de uma história escravagista que reprimiu e distorceu tanto sua história familiar quanto sua educação, sua integração socioprofissional, sua saúde, suas interações culturais com os outros e a sua própria procura pessoal de sentido. Martine Lani-Bayle escreveu o posfácio. A autora analisa a história

de Melkior como regeneradora, por sua força de emancipação e de autonomização de uma dominação sócio-política profundamente incorporada.

2.2.2 Como? Emergência de uma função de acompanhamento com o desenvolvimento de profissões do acompanhamento

A abertura desses campos de pesquisa-formação das histórias de vida não foi de forma alguma pré-programada. Ela aconteceu ao longo dos anos pelo acolhimento e acompanhamento de escritas autobiográficas em gestação mais ou menos avançadas. Isso se deu na dinâmica de uma maiêutica moderna, a atualizar, que nos foi apresentada por Henri Desroches, grande pioneiro de uma universidade internacional itinerante, entre outros lugares, o Brasil (Desroche, 1991). Ao longo dos anos, foi sendo forjado um processo de acompanhamento do projeto do sujeito (quem) sobre o objeto (o quê) a trabalhar, a fim de transformá-lo num produto comunicável. Esse processo transversal revelou-se um importante catalisador na construção de traços de união entre operações de pesquisa-ação-formação, que se encontram divididas no paradigma disciplinar herdado.

Esse processo de acompanhamento surgiu em 1996 como primeiro tema do colóquio organizado pela Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF), criada em 1991. O acompanhamento se impôs, então, como arte de movimentos solidários para trabalhar em conjunto com a vida vivida, frequentemente, de modo solitário, como uma obra pessoal a produzir num percurso coletivo a realizar (Pineau, 1998). Desde então, no decurso de longos debates interpessoais em redes e colóquios, foi elaborada uma Carta ética do acompanhamento. Ela se estrutura em torno de quatro pontos: *ter escrito a sua própria história de vida antes de acompanhar os outros a*

fazê-lo; estabelecer um contrato com a pessoa ou as pessoas em questão; o trabalho produzido permanece propriedade de quem o escreve; a interpretação deve ser mais instaurativa do projeto e não redutora do sujeito (http://www.asihvif.com/1/upload/la_charte.pdf).²

As profissões de acompanhamento também emergiram gradualmente através da criação de diplomas universitários para acompanhar o desenvolvimento de práticas profissionais na formação de adultos (Guillon, Breton, Zaouani-Denoux, 2023):

- na Universidade de Tours, em 1996, *Ingenierie des fonctions d'accompagnement en formation des adultes* (IFAC);
- na Universidade de Nantes, em 2001, Martine Lani-Bayle criou o *Diploma Universitário de História de Vida e Formação* (DUHIVIF) e depois de sua aposentadoria, Hervé Breton retomou a coordenação do Diploma na Universidade de Tours, em 2018;
- na Universidade de Friburgo, na Suíça, em 2012, o *Certificat d'Études Avancées Recueilleurs et recueilleuses de récits de vie*, foi criado por Catherine Schmutz-Brun, e retomado, depois de sua aposentadoria, em 2020, por Michel Alhadeff-Jones com a denominação *Récits de vie et accompagnement biographique*.

Em 2019, foi publicado um valioso livro de recolha/transmissão, longamente trabalhado, por Christine Delory-Momberger: *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique* (Delory-Momberger, C., 2019). Essas passagens de bastão intergeracionais confirmam a vitalidade da transição paradigmática para o que começa a ser chamado de *sociedade do acompanhamento* (Paul, 2022).

2 N.T. Ver tradução na Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica <https://doi.org/10.31892/rbpab-2525-426X.2016.v1.n1.p177-179>

Responder à última pergunta, **por quê**, significa ousar enfrentar três palavras: história, vida, existência. Elas estão prenhes de sentido e a sua junção as torna ainda mais fortes como bandeiras mobilizadoras. Mas compreender um pouco do seu interior é a condição necessária para uma utilização mais refletida e mais pessoal. É o que vamos tentar fazer nesta terceira e última parte.

3. O verde paradigma tripolar da formação da vida a historializar para existir

Começaremos considerando a ordem de sua utilização na expressão história de vida para existir.

3.1 Uma nova historialidade em três velocidades a ser construída

A entrada das histórias de vida na grande História a fez explodir duplamente: a História não é mais a augusta disciplina do passado. Ela desceu à terra por uma exigência transdisciplinar do presente, para construir o futuro, aprendendo a combinar movimentos pessoais, sociais e cósmicos. Maria Passeggi enraíza seu balanço do futuro, recordando sua filiação a Paulo Freire, visando a emancipação das pessoas das classes dominadas através da tomada de consciência de que elas são sujeitos de sua própria história e não objetos da história dos outros. Um artigo relativamente recente reatualiza a contribuição de uma educação conscientizante, segundo Freire, como motor da história. A condição principal é que os seres humanos sejam vistos como sujeitos de uma história viva e não como objetos de uma história imóvel como sugere a pedagogia bancária (Tolini, 2018). Isso mostra a importância histórica do processo de conscientização. Tomar consciência disso com o recuo dos anos parece primordial.

A emergência experiencial dessa mirada conscientizante é contemporânea da publicação da obra *La prise de conscience* de Jean Piaget (1974). Segundo Piaget, a tomada de consciência é, primeiramente, uma experiência sensorio-motora, pré-linguística do encontro organismo/ambiente e na periferia de ambos. É uma experiência de encontro compacta, pré-consciente, procurando um espaço para se expressar oralmente ou visualmente, mediante palavras ou imagens, através de um duplo movimento de conhecimento, contrário mas complementar, interiorizando e exteriorizando, subjetivando e objetivando. Esse duplo movimento de co-nascimento abre e expande um campo de consciência cuja variedade das denominações é balbuciante por sua complexidade: meio cognitivo, imaginário, simbólico, interface biocognitiva, biosférica, noética, noosférica, semiótica, auto-cosmogênica... O que parece certo é que este campo de consciência é transdisciplinar, tanto através, quanto para além das disciplinas. Os atores sociais não são idiotas culturais, em cada coisa ressoam co-nascimentos recíprocos (Rosa, 2018), indo em todas as direções, sensíveis, direcionais e significantes (Pineau, 2000; Paul, Pineau, 2005). Esse campo de consciência é o espaço interfacial de comunhão e de comunicação entre organismos e ambientes. Ele permite expressar e refletir em si mesmo elementos ambientais impactantes, para co-nascer com eles. Primeiramente, formulando-os em palavras, signos, informações discretas, mas ainda concretas; depois formalizando-os em saberes no caso de uma comunicação mais abstrata.

O encontro da experiência conscientizante de Freire com a epistemologia genética de Piaget é um exemplo histórico do “desafio para estabelecer ligações entre estes dois modos de construção da realidade: o paradigmático ligado a uma epistemologia do Norte e o narrativo ligado a uma epistemologia do Sul, admitindo

que suas contribuições permitem melhor compreender a complexidade do humano e o modo como essa complexidade se objetiva na constituição de instituições sociais, das figurações do si mesmo e do outro por meio de narrativas” (Passeggi, 2021, p.104).

Esse exemplo de sinergia histórica trans-hemisférica é notável. Mas também faz parte de uma história sócio-política colonial de dominação hemisférica cujo desafio atual é nos emancipar dela. Disso depende a sobrevivência... do planeta Terra e de seus habitantes. Perspectiva gigantesca ou imposta pela situação atual? A ver e a viver. Mas a ascensão das histórias de vida individuais e a da história do planeta não são alheias aos efeitos da história sócio-política que as reprimiu na tentativa de se impor como hegemônica. Perante a crise mortal provocada por essa hegemonia ocidental das temporalidades médias das sociedades, duas novas temporalidades podem ser conjugadas: temporalidades longas planetárias e, como contraponto, temporalidades curtas individuais. O desafio é ...histórico: construir uma nova historialidade em três velocidades (Pineau; Le Grand, 2019, p. 87-89).

Do Iluminismo ao Antropoceno, *A aceleração da história* (Bouton, 2022) fez explodir essa grande história hegemônica que poderia parecer imóvel ao nível de uma geração. Quer queiram ou não, os sujeitos são obrigados a construir sua própria história. A auto-historialidade existencial se inscreve na explosão e na implicação extenuante dessa pluralidade fragmentada das temporalidades. É preciso sobreviver a isso. Ela aponta para a emergência e o desdobramento existencial dessa história em três velocidades diferentes, ou mesmo antagônicas. Para sobreviver com e para além desses estilhaços temporais, a aprendizagem da conjugação na primeira pessoa do singular constrói uma forma e um sentido tão únicos que fazem emergir a existência pessoal, singular.

“O tempo já não corre mais. Ele brota”, como diria Bachelard (1932, p.106). A auto-referência reflexiva dos movimentos temporais vividos os interioriza, os assimila e impulsiona uma enunciação auto-sincronizante, performativa, ou seja, criando sentido com e para além desses movimentos. *“Na historialidade, surge o movimento e a orientação do sentido de minha vida, a interrogação sobre uma evolutividade e uma formatividade na direção do horizonte de possibilidades desconhecidas.”* (Honoré, 2018, p.135).

3.2 O verde paradigma da vida na auto-sócio-ecoformação

Vida: poucas palavras tão curtas concentram tantos sentidos quanto a *vida*. Tentar explicitá-los é o objetivo da expressão das experiências desta vida com seus tempos e contratempos, seus dias e suas noites, mas também de pesquisas bio-epistemológicas inter e transdisciplinares, envoltas num bio-questionamento histórico generalizado. Nessas pesquisas-formações experienciais e conceituais, *o Método*, desenvolvido por Morin para trabalhar a complexidade vital, com todas suas incertezas, nos deu pelo menos duas grandes fontes primordiais de aprendizagem:

- a primeira se encontra muito cedo desde a década de 1980, no segundo volume de *La Vie de la Vie* (1980). Depois de constatar a extrema versatilidade da noção de vida, Morin modeliza o que chamou de *“o incompreensível paradigma da vida”* (1980, p. 351) em três dimensões: pessoal (auto), social (geno-feno-ego) e material (eco), que re-organizam continuamente de forma computativa, informacional e comunicativa. *“A vida se desenrola ao mesmo tempo intensamente no seu interior, o indivíduo vivo – e extensivamente na sua totalidade biosférica... É essa com-*

plexidade que é preciso considerar agora de frente... (p. 360). Enquanto não se puder conceber o que significa dizer auto, a autonomia organizadora dos seres vivos está condenada, seja a flutuar no vazio como um fantasma, seja a se deixar dissolver pelas determinações heterônomas” (Morin, 1980, p. 107);

- a segunda é mais tardia. Ela surge 20 anos mais tarde, em 2001, no volume 5, *L'identité humaine*. Essa identidade não é nem fixa, nem isolada. Ela está em evolução permanente, estendida entre as forças de três polos formativos a unificar : o si mesmo, os outros, as coisas. Essa unificação não é uniformização, mas uma uni-diversificação permanente. Ela lida com o *grande paradoxo da unidade-diversidade* (Morin, 2001, p. 57-60). Morin trabalha esse paradoxo da unificação/diversificação da unidade vital organismo/ambiente fundante da evolução da vida, não apenas da vida pessoal e social, mas também ecológica.

Essa evolução não é automática. Ela depende das relações de força entre os três polos. Saímos de um período histórico em que dominou o polo social com a lei do mais forte, impondo hierarquicamente sua lei a outras pessoas e a outros polos. A heteroformação dominou a coformação possível com os outros, a autoformação e a ecoformação, a ponto de reprimi-las completamente nos inconscientes pessoais, coletivos e ecológicos. As revoluções políticas enfrentam esse polo social hierarquizado, procurando democratizá-lo. Mas tropeçam frequentemente no problema da responsabilização dos atores, ainda mais quando se trata de ecoformação com o meio ambiente. Daí as atuais crises ecológicas e democráticas. Dupla crise histórica no coração pulsante das histórias de vida em formação.

No início do segundo milênio, a vida que procura entrar na história não é mais a dos notáveis para assegurar seu poder, mas a de cidadãos comuns, obrigados a tomar em mãos sua vida e a se lançar neste aventuroso exercício. Com que direito? A emergência, nos anos 1980, da democratização dessa arte singular foi qualificada de “ilusão biográfica” por alfandegários disciplinares bem colocados (Bourdieu, 1986) e de “revolução biográfica” por outros (Sève, 1987).

O movimento de entrada da vida na história é duplo e ambivalente: é o movimento de toda a vida, mas também de todos os seres vivos. Um outro limiar da modernidade biológica está sendo ultrapassado. O verde paradigma transdisciplinar e tripolar da formação para a vida, de Morin, ajudou a atualizar, de forma sistêmica e dialética, os três mestres da educação existencial, cujas lições nem sempre são convergentes. Jean-Jacques Rousseau tinha identificado esses mestres antes da institucionalização do paradigma escolar. *Émile ou De l'éducation* (Rousseau, 1762) foi considerado tão revolucionário que foi queimado desde sua publicação. Mas isso não impediu Rousseau de escrever, oito anos mais tarde, *As Confissões* (Rousseau, 1770), consideradas como fundadoras das autobiografias modernas. Este paradigma ainda está verde. Ele irrita alguns, mas inspira sua aprendizagem a outros. Por que? Porque ele é abertura para uma nova história da vida em três velocidades a ser construída: pessoal, social, cósmica... para uma existência planetária conjunta, viável e sustentável.

3.3 Para existir

Minha história de vida nesses últimos anos tem se inspirado muito nas obras de um grande sinólogo, François Jullien, entre as quais seu livro de 2016: *Vivre en existant. Une nouvelle éthique* (Jullien, 2016).

Partindo da etimologia bastante trabalhada pelos exploradores do ex-sistere³ – ficar fora de, manifestar-se –, Jullien vê a existência, a sente, a experimenta, a descreve como o encontro fenomenal do viver e do ser, na fronteira, num momento-lugar preciso de religação de suas contradições, em um ser-lá vivendo singularmente mas também universalmente a grandeza do mundo, no chão de seu vivido. “A existência se desenha, ou melhor, emerge, no ponto de encontro dos opostos, entre o ser e o viver, no mais candente de sua contradição... Ela é tecida no entre, aberto pelo hiato, e nele se desenvolve...” (p. 267) A existência é um encontro. “O encontro, uma vez engajado, não cessará de trabalhar a história dos sujeitos” (p. 218). Pois ela os transborda infinitamente, abrindo-os, projetando-os nas infinitas possibilidades da vida e do ser, convidando-os à aventura de se realizarem como sujeitos num trajeto inédito. Essa realização pela atualização dá forma e sentido a alguns desses possíveis nos sujeitos, objetos, trajetos singulares, que vai fundar, formar e criar experiencialmente sua história, sua duração. “O que faz a existência... é o que ela continuamente decide (escolhe) na junção dos dois: do eterno e do temporal, ou do relativo e do absoluto, ou do finito e do infinito” (p. 268). Escolhas e decisões que, para se manterem vivas, deixam muito pouco em repouso. Tal como na condução de um carro, ou ainda mais arriscado porque a via ainda não foi criada, essas operações devem ser exercidas em permanência para pilotar a ambiguidade, a ambivalência das potencialidades abertas: senti-las, senti-las, explicitar seus sentidos, suas significações e direções, engajar-se nelas: “Pois a vocação da exis-

tência – o que a faz surgir, emergir, manter-se fora – é desdobrar o infinito no seio do finito” (p. 272). Para existir, é preciso insistir, dizia um dos meus velhos amigos, que foi mais formado pela aventura existencial, do que pelas grandes escolas (Rochefort, 2017).

A história existencial se escreve, portanto, no limiar de um mundo singularmente vivido. Escrita pessoal e experiencial de um tipo fenomenológico muito particular: escondida em traços pré-linguísticos, inéditos e inauditos, difíceis de identificar, mesmo pela pessoa que os deixou, que os imprimiu. Antes de nos apressarmos para decolar abstratamente, esses vestígios – esses fenômenos existenciais que se mantêm do lado de fora – necessitam ser longamente buscados, virados e revirados, descritos, para tentar explicitar e decifrar os sentidos neles incorporados. Um tesouro para alimentar fenomenologias e hermenêuticas passadas, presentes e futuras. Jullien aprofunda essa questão, recorrendo a uma série de termos longamente cinzelados: aderência-desaderência; resistência; deslizamento; oscilação; o forte desejo de perdurar entre reprodução do idêntico e processos de transformações silenciosas (Jullien, 2009).

Todos os capítulos se referem ao aprofundamento de fenomenologias existenciais já existentes e à criação de novas, para uma entrada na cultura mais alargada. O encontro com a corrente de histórias de vida em formação, entre outros, com o gaio saber da vida como ciência trazidas da profundidade das experiências de grande dor (cf. neste texto), pode contribuir para isso, pois ela explicita uma finalidade implícita fundamental que pode permitir melhor atualizar e prosseguir. Há mais de meio século Bernard Honoré, filósofo pioneiro da formação, debruçou-se sobre essa questão, mas de uma forma quase confidencial e demasiado pouco conhecida. Depois de situar a formação como abertura à existência para fa-

3 François Fédier salienta: “Na palavra existência, o latim **ex** exprime antes de mais nada a saída, isto é, a saída de um interior para um exterior, enquanto o grego **ek** diz sobretudo a abertura, a manifestação ek-estática, em suma, o espaçamento sem interior nem exterior” (Citado por Honoré, 2016, p. 101).

zer dela uma obra (Honoré, 1992), o autor conclui uma de suas últimas obras apresentando *a história de vida como um meio de acesso à existencialidade humana* (Honoré, 2016, p. 101). As duas abordagens se referem a uma força energética fundante, uma pulsão, um elan vital, que impulsiona uma religação auto-cosmogênica de micro-organismos com seus macro-ambientes, para formar unidades vivas singulares em transformação permanente.

Espero que este retorno reflexivo sobre essas produções dos últimos anos possam dar testemunho de grandes ressonâncias entre essa abordagem da existência no limiar do ser e do viver e das histórias de vida como arte formadora da existência. O fato de que o acesso a uma respiração autônoma pontue o nascimento de um ser humano e condicione sua vida e sua existência em ambientes em evolução permanente, contribuiu amplamente, e em muitas línguas, para tomar a respiração como raiz etimológica do espírito da vida. Misterioso sopro religando vitalmente organismo/ambiente. Terceiro escondido, frequentemente, excluído, mas inspirante, aspirante, apesar de tudo. Co-nascer com a vida não implica respirá-la mais conscientemente, incluindo este terceiro misterioso, sopro inspirante, aspirante, expirante... a experienciar. Última insubordinação: respirar sua própria vida implica liberar a aprendizagem de nossos ritmos vitais. (Pineau, 2005)

Conclusão

O sobrevoo das marcas deixadas por esses 20 anos de pesquisas (auto)biográficas e de histórias de vida em formação mostra que a insubordinação não foi desorganização anárquica. Esses traços são o produto de auto e de correflexões de atores/pesquisadores pessoalmente implicados, embora muitas vezes minoritários e isolados em suas instituições, nas

fronteiras do paradigma disciplinar dominante e de um outro paradigma emergente de atores/pesquisadores reflexivos em contato direto com tempos e contratempos de uma vida inédita a ser vivida. Essas vidas entraram de contrabando e só puderam se produzir graças a uma coordenação flexível e em associações e redes interpessoais, sociais, regionais, nacionais, internacionais, sinergizando paradoxalmente as diferenças de cada um numa autonomização pessoal e de grupos. Elizeu (2021) faz um balanço retrospectivo muito esclarecedor da importância das redes interpessoais e sociais de pesquisas-formações na mundialização atual. Por isso, meu grande reconhecimento a ele, e a outras pioneiras dos CIPA com quem tive mais contato, Maria Helena Abrahão e Maria Passeggi. Gratidão extensiva a toda a rede de pesquisadores e pesquisadoras, pelas aberturas alcançadas ao longo dos últimos vinte anos.

Referências

- ABRAHAO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B.; MAFFIOLETTI, L. A.; BASSO, F. P. **A nova aventura (auto)biográfica**. Tomo2. Porto Alegre, Edipucrs, 2018.
- ABRAHAO, M. H. M. B.; PASSEGGI M. C. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (Auto)biográfica**. Natal. Edufren: Porto Alegre. Edipucrs: Salvador, Eduneb, 2012.
- ABRAHAO, M. H. M. B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre, Edipucrs, 2004.
- BACHELART D.; GASTON P., **Le biographique, la réflexivité et les temporalités. Articuler langues, cultures et formation**, Paris, L'Harmattan, 2009.
- BARBIER R. **La recherche-action**, Paris, Économica, 1996.
- BERQUE, A. **Écoumène : introduction à l'étude des milieux humains**. Paris : Belin, 2000.
- BINSWANGER L. **Introduction à l'analyse existentielle**. Paris. Gallimard, 1947.

- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 62-63, p. 69-72, 1986.
- BOUTON C., **L'accélération de l'Histoire. Des Lumières à l'Anthropocène**. Paris. Seuil, 2022.
- DELORY-MOMBERGER C. **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Toulouse, Érès, 2019.
- DESROCHE H. **Entreprendre d'apprendre. D'une autobiographie raisonnée à un projet de recherche-action**. Paris, Les éditions ouvrières, 1991.
- EGGERT, E.; FISHER, B. **Generos, gerações, infância, juventude e famílias**. Natal, Edufrn; Porto Alegre, Edipucrs; Salvador, Eduneb, 2012.
- FOUCAULT M. **L'usage des plaisirs. Histoire de la sexualité**, Paris, Gallimard, 1984.
- FOUCAULT M. **La volonté de savoir. Histoire de la sexualité**, Paris, Gallimard, 1976.
- FREIRE, P. **Pédagogie des opprimés, suivi de Conscientisation et révolution**. Paris, Maspéro, 1974.
- GALVANI P. **Autoformation et connaissance de soi**. Lyon. Chronique Sociale, 2020.
- GUILLON S.; BRETON H.; ZAOUANI-DENOUX S. La fonction d'accompagnement chez les professionnels de la formation continue. **Carrefours de l'éducation**, n. 56, 2023. Disponible: <https://www.cairn.info/revue-carrefours-de-l-education-2023-2-page-11.htm>
- HONORÉ, B. **Le sens de l'expérience dans l'histoire de vie. L'ouverture à l'historialité**. Paris. L'Harmattan, 2018.
- HONORÉ, B. **L'histoire de vie comme moyen d'accès à l'existentialité humaine**. Paris. L'Harmattan, 2016.
- JULLIEN, F. **Vivre en existant. Une nouvelle éthique**. Paris, Gallimard, 2016.
- KUHN, T. **La structure des révolutions scientifiques**. Paris, Flammarion, 1983.
- LABELLE, J.-M. L'approche expérimentée de l'éducation. **Tréma**, n. 23, 2004. <https://doi.org/10.4000/trema.607>.
- LANI-BAYLE M.; SLOWIK A. **Récits et résilience, quels liens? Chemins de vie**. Paris, l'Harmattan, 2016.
- LEJEUNE, P. **Rousseau et la révolution autobiographique**. dans, Bachelart, Pineau op.cité, p.49-67, 2009.
- LIMA, G. G. *et al.*, **O reconhecimento de si e de outro na formação Humana**, Boa Vista, EDUFRR, 2014.
- LIMA, SILVA, GOMES MARIA DE LOURDES SOUZA. Formação de Professores Frente à Política Global. **Pesquisas (Auto)biográficas com Crianças: O Reconhecimento de sua Palavra**, 2018.
- MORIN, E.; MOTTA, R.; CIURANA É-R. **Éduquer pour l'ère planétaire. La pensée complex comme Méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines**. Balland, 2003.
- MORIN, E. **La Méthode 5. L'humanité de l'humanité**. L'identité humaine. Seuil, 2001.
- MORIN, E. **La Méthode 2. La Vie de la Vie**. Seuil. 1980.
- MORAES, M. C.; ALMEIDA M. DA C. **Os sete saberes Necessarios a educação do presente**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2012.
- NIETZSCHE, F. **Le Gai Savoir**. Gallimard, 1982.
- PAUL, M. **Une société d'accompagnement. Guides, mentors, conseillers, coaches. Comment en est-on arrivé là?** Éditions Raison et Passions, 2022.
- PAUL, P.; PINEAU, G. **Transdisciplinarité et formation**. Paris. L'Harmattan, 2005.
- PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. **Autobiografia, formação, territorios e saberes**. São Paulo, Paulus; Natal, Edufren, 2008.
- PIAGET, J. **La prise de conscience**. Paris, Puf, 1974.
- PINEAU, G. **Genèse de l'écoformation. Transformation du préfixe éco en vert paradigme de formation avec les environnements**. Paris, L'Harmattan, 2023.
- PINEAU, G.; BRETON H. **Vingt-cinq ans de vie d'une collection : quelle(s) histoire(s) en formation?** Paris, L'Harmattan, 2021.
- PINEAU, G. **Mise en perspectives historiques de la méthode biographique et de l'histoire de vie com-**

- me approches de recherche, action, formation.** p.27-54, 2019.
- PINEAU, G. **Worclaw-Auschwitz-Birkenau: subvertir l'extermination programmée.** Par quelle histoire? p.125-142, 2016.
- PINEAU, G, Marie-Michèle. **Produire sa vie: autoformation et autobiographie,** Paris, Téraèdre, 2012.
- PINEAU, G., Le Grand J.-L. **As histórias de vida.** Natal, Edufern, 2012.
- PINEAU, G. Respirer sa vie: déverrouiller les apprentissages des rythmes vitaux. **Éducation permanente.** n. 163, p. 111-130, 2005.
- PINEAU, G. **Temporalidades na formação, Rumo a novos sincronizadores.** Sao Paulo, Triom, 2004.
- PINEAU, G. "O Sentido do sentido". **Sommerman,** pp. 31-56, 2000.
- PINEAU, G. **Éducation ou aliénation permanente? Repères mythiques et politiques.** Paris, Dunod, 1977.
- RABELAIS, F. **Gargantua.** Lyon François Juste, 1534.
- ROCHEFORT, A. **L'instinct de vivre.** Paris. L'Harmattan, 2017.
- ROSA, H. **La résonance. Une sociologie de la relation au monde.** Paris. La Découverte, 2018.
- SANTOS, B. S. **Épistémologies du Sud. Mouvements citoyens et polémique sur la science.** Paris. Desclée de Brouwer, 2016.
- SCHÖN DONALD A., **Le tournant réflexif. Pratiques éducatives et études de cas,** Montréal, Éd. Logiques, 1991.
- SEVE, L. **Marxisme et théorie de la personnalité.** Paris. Les éd. Sociales, 1968.
- SLOWIK, A.; BRETON, H.; PINEAU, G. **Histoire de vie et recherche biographique : perspectives sociohistoriques.** Paris. L'Harmattan, 2019.
- SNYDERS, G. **Y-a-t-il une vie après l'école ?** Paris, ESF, 1996.
- SOMMERMAN, A. **Educação a transdisciplinaridade.** Sao Paulo, Unesco, USP, 2000.
- SOUZA, E.C.; ABRAHAO, M. H. M. B., **Tempos, narrativas e ficções : a invenção de si.** Porto Alegre. Edipucrs, 2006.
- SOUZA, E. C. **Memoria, (auto)biographia e diversidade.** Questoes de metodo et trabalho docente. Salvador: Edufrn, 2011.
- SOUZA, E. C.; MIGNOT, Ana C. **Hitorias de vida e formação de professores.** Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. **Reinvenções do Sujeito Social. Teoria e Práticas biográficas,** Porto Alegre, Ed. Sulina: Ufrn, 2009.
- TOLINI, G. **Humains, pédagogies et constructions de l'histoire,** 2018. <https://www.bibliofreire.org/humains-pedagogies-construction-de-lhistoire/>

Recebido em: 05/01/2024

Revisado em: 18/05/2024

Aprovado em: 31/05/2024

Publicado em: 22/06/2024

Gaston Pineau, Professor emérito e pesquisador do Centre de recherche en Éducation et formation relatives à l'environnement et à l'Écocitoyenneté (Centr'Ère) da Université du Québec em Montréal (Uqam-Canada).